

NOVAS DO BRASIL

Por Mário Soares

De regresso de um périplo por vários Estados do Brasil, em contactos académicos e políticos, encontrando velhos amigos e novos líderes em ascensão, como o Governador socialista de Pernambuco, Eduardo Campos, procurei tomar o pulso ao grande gigante da América Latina, um dos países considerados emergentes, que representa a décima economia mundial.

O Brasil continua a ser um país de contrastes, com gritantes desigualdades sociais, na periferia das grandes cidades e entre os auto-proclamados "sem terra". Mas tem hoje uma dinâmica de crescimento imparável e elites científicas, universitárias, culturais e empresariais a nível das mais desenvolvidas e sofisticadas do Mundo.

É sabido que as históricas relações entre Portugal e Brasil têm uma profunda dimensão afectiva, que nunca é demais sublinhar. No próximo ano, 2008, comemora-se o segundo centenário da ida do rei de Portugal, D. João VI, para o Brasil - com a Corte - fugindo à primeira invasão francesa comandada por Junot, general de Bonaparte. Este facto, único na história fez, ao mesmo tempo, do Rio de Janeiro a capital do império português que, nesse tempo, dominava as duas costas de África, chegava à Índia e navegava tranquilamente no Pacífico, tendo criado laços históricos importantes com a China e o Japão. Assim, a antiga metrópole, Portugal, passou, de algum modo, a colónia e o Brasil, com a abertura dos portos ao comércio internacional, tornou-se a sede do império.

Contudo, a "arraia miuda" portuguesa - o Povo mais humilde - resistiu à ocupação francesa, com a ajuda dos ingleses, Beresford e Wellington. Conseguiu expulsar os franceses e, depois, também o "regente" Beresford e a opressiva "aliada" Inglaterra. Foi a Revolução Liberal. As Cortes reunidas em Lisboa dirigiram então um ultimato a D. João VI: "ou regressava ao Reino e jurava a Constituição, entretanto votada, ou se proclamaria a República". D. João VI, contrariado, regressou. Mas o seu filho primogénito e herdeiro - D. Pedro - ficou. Auto-proclamou-se imperador do Brasil, sem disparar um tiro, entre vivas e abraços: foi a independência do Brasil, em 1822!

Este processo, tão singular, marcou para sempre as relações de irmandade entre Portugal e o Brasil. Um século depois, em 1922, um Presidente português da I República (1910-1926), António José d'Almeida, deslocou-se ao Brasil para, nas suas palavras: "agradecer, em nome de Portugal, aos brasileiros, terem-se tornado independentes".

Essa é a boa tradição portuguesa. Não fora a ditadura de Salazar e de Caetano, que inverteu a tendência, e as independências das colónias portuguesas em África ter-se-iam processado da mesma maneira, evitando as guerras coloniais. Contudo, a Revolução dos Cravos (1974), pôs fim a essas desastrosas guerras, no imediato, abrindo a porta às independências, com coragem e rapidez. Daí resultou a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (1996), uma associação voluntária entre Estados e Povos, espalhados por 4 continentes, iguais em direitos, entre oito países soberanos (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor) que falam uma língua comum, e que querem defendê-la e simultaneamente, aceitaram entre-ajudar-se no plano do desenvolvimento económico, cultural e político. É uma associação, julgo, que poderá ter muito futuro, se houver bom senso e igualdade entre os parceiros, no mundo globalizado em que vivemos.

Lula é hoje um Presidente cheio de prestígio, que teve uma reeleição triunfal, apesar do escândalo do "mensalão", (a compra de deputados) de que foi lavado pela água lustral da reeleição. É, em toda a América Latina, um ícone da gente pobre, filho do nordeste, donde emigrou (pau de arara", como dizem os brasileiros) para o centro do capitalismo brasileiro, a riquíssima megalópole de São Paulo, em busca de pão e de trabalho. Foi aí que se fez, mais tarde, pelo próprio esforço, torneiro-mecânico, militante sindicalista e depois de largos anos de luta persistente, Presidente da República. Tendo um primeiro mandato difícil, em que o PT (partido dos trabalhadores), o seu partido, praticamente se desagregou, conseguiu desenvolver a política macro-económica e de rigor

financeiro, vinda do seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso e, agora, políticas sociais, em benefício das famílias mais pobres. A luta contra a corrupção - um dos problemas endémicos brasileiros - e contra a alta criminalidade dos "colarinhos brancos", têm sido outras preocupações de Lula e do seu ministro da Justiça, Tarso Genro, no segundo mandato, com consequências positivas, muito visíveis.

Na política externa, executada por um ministro dos Negócios Estrangeiros de excepção, Celso Amorim, Lula tem tido um protagonismo de grande líder de um país emergente, com especial relevo na América Latina, que deixou definitivamente de ser o "quintal" da América do Norte. Com um equilíbrio e uma moderação reformista que o distinguem do radicalismo de Hugo Chavez (Venezuela), embora sejam amigos, ou de Evo Morales (Bolívia), aliás, diferentes entre si, mas que não têm também nada a ver com o seguidismo pro-Bush, de Álvaro Uribe (Colúmbia) ou de Calderón (México), aproximando-se muito da inteligente moderação da senhora Bachelet (Chile), ou de Kirchner, Presidente, em final de mandato, da Argentina.

Portugal e Espanha, países ibéricos e europeus, com tradicionais interesses no Atlântico e no Mediterrâneo, têm todo o interesse em convergir no desenvolvimento de políticas solidárias com esse mundo novo, tão criativo e plural que está a afirmar-se, na sua unidade e diversidade, na Íbero-América. Aliás, no começo da presidência portuguesa da União Europeia, salvo erro, em 4 de Julho, realiza-se a I Cimeira entre a União e o Brasil, em Portugal. Uma excelente oportunidade para a Europa reforçar os laços com o Brasil e com os países em evolução tão interessante da Ibero-América.

Lisboa, 31 de Maio 2007